

Psicanálise, uma Ciência Unheimliche: o mais além das neurociências

Artigo

Ignácio Alves Paim Filho

Psicanalista, Membro Pleno do CEP de PA,
Membro Associado da SBP de PA.

Resumo: O presente trabalho tem como proposta refletir sobre a inter-relação da psicanálise com a neuropsicanálise. Para viabilizar tal meta, tomará como ponto de partida o pensar do neurocientista Eric Kandel sobre essa temática. No decorrer de suas especulações, o autor transita por duas vertentes: de um lado, levanta interrogações sobre as neurociências – entre elas, a importância do postulado fundante da psicanálise, a saber, o inconsciente; e, por outro, propõe o quanto é imprescindível que os psicanalistas cultivem o seu compromisso de manter a singularidade da sua ciência, calcada no princípio da incerteza – um conhecer e um não conhecer decorrentes das ramificações e derivativos das inscrições pulsionais do inconsciente, que o revelam e o encobrem.

Palavras-chave: Ciência. Neuropsicanálise. Pulsão.

Freud é explícito: a psicanálise é uma ciência. Ao mesmo tempo, só pode advir como ciência pela subversão da ciência, pois a ciência do seu tempo (e, a julgar pelos ataques que ela vem sofrendo nos Estados Unidos, também a nossa) não pode aceitar a realidade do inconsciente. Freud quer fundar essa coisa propriamente inimaginável que é uma ciência do inconsciente, o saber científico de um objeto cuja existência a ciência não admite (ROUANET, 2002, p. 31).

O presente trabalho é produto do meu primeiro encontro com o que vem sendo chamado de neuropsicanálise. Vi-me compelido a defrontar-me com essa temática a partir de convite para participar de uma mesa em nossa sociedade¹. Convite extremamente desafiador e gerador de várias inquietudes, principalmente por desconhecer a proposta e o que carac-

¹ Com o tema Neuropsicanálise? Para quê?, em outubro de 2008.

teriza a neuropsicanálise. Diante desse não saber que despertou minha curiosidade, decidi topar o desafio com o intuito de estabelecer um diálogo com essa proposta, aparentemente unilateral, de interação da neurologia com a psicanálise. Para tanto, tomei como interlocutor o que julgo ser um dos pensadores inaugurais dessa proposta, Eric R. Kandel, que, entre inúmeras atividades, participa do corpo editorial da revista “Neuropsychanalysis”, criada em 1999. Utilizei como referência central um artigo especial, publicado na *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* de 2003. Eis alguns fragmentos de seu pensar:

É minha esperança que, unindo-se à neurociência cognitiva no desenvolvimento de uma nova e instigante perspectiva da mente e de seus transtornos, a psicanálise poderá recuperar sua energia intelectual.

[...]

Do ponto de vista conceitual, a neurociência cognitiva pode prover a psicanálise de novos fundamentos para seu crescimento futuro, fundamentos mais satisfatórios do que os provindos da metapsicologia.

[...]

Tenho como propósito [...] sugerir uma forma de revigoramento da teoria psicanalítica que se dá através do desenvolvimento de uma relação próxima com a biologia em geral e com a neurociência cognitiva em particular (p. 140).

[...]

Para sobreviver como força intelectual na medicina e na neurociência cognitiva [...] a psicanálise precisará adotar novos recursos intelectuais [...] (p. 141).

Neurociências, neurobiologia, neuropedagogia, neuropsiquiatria, neuropsicologia e, na contemporaneidade, a neuropsicanálise... quantas “neuros”. Pareceria que o saber da neurologia estaria invadindo o universo das mais variadas áreas do conhecimento. Se esse pensar tem algum sentido, uma pergunta se impõe: estaríamos vivendo um tempo de uma *Weltanschauung* (visão de mundo) neurológica? Eis aí uma questão no mínimo intrigante pela qual talvez o neurólogo que existia em Freud, no final do século XIX, ficasse *seduzido*: a suposta integração entre o corpo biológico e o corpo simbólico. Digo suposta, pois não sei se se trata de uma integração ou de uma *colonização*. Por exemplo, o universo neurológico contempla a importância do inconsciente; e o contempla como contendo em seu núcleo os desejos parricidas e incestuosos? O sujeito da consciência é um vassalo do sujeito do inconsciente? O que levou Freud,

em 1917, a dizer a célebre frase: “O Ego não é senhor em sua própria casa?” (1917, p. 178). Ou, ainda, a questão sobre qual o lugar dos sonhos na economia psíquica e como reveladores dos desejos recalçados? E, por último, o que pensar do descrédito dado à pedra angular que sustenta toda a teoria psicanalítica – a nossa velha feiticeira, a metapsicologia, explicitada nas seguintes palavras: “Reescrever a metapsicologia embasada numa fundamentação científica?” (OLDS *apud* KANDEL, 2003, p. 140).

Deixemos de lado essas questões, pelo menos por enquanto, e façamos algumas considerações sobre o pensar psicanalítico, tendo como referência básica os postulados do fundador dessa ciência, que tem sua melhor definição, aos meus olhos, como uma *ciência Unheimliche*² – cuja essência está no haver-se com o desamparo do humano e para a qual todo conhecer remete a um não conhecer, tendo como propulsor o princípio da incerteza. Ao definir a psicanálise pelo viés do estranho, tenho em mente a questão da estranheiridade, sempre presente no discurso psicanalítico, ao falar de uma verdade que se insinua e se esconde nas mais variadas formas de comunicação do inconsciente – sendo este o nome da terra estrangeira que nos habita, do qual a psicanálise busca ser uma interlocutora. Explorando esse caminho, poderíamos dizer que a psicanálise, enquanto comprometida com a veracidade do desejo recalçado, está em descompasso com a linguagem do pré-consciente/consciente. Assim sendo, sua função é denunciar para o sujeito a força determinante desse mundo fora da consciência. Diante desse acontecer, irá se instaurar na cultura como eterna estrangeira, pois se propõe a falar uma linguagem que não encontra ancoragem na lógica do processo secundário, pois sua lógica é a do processo primário. Temos no trabalho do sonho a melhor apresentação da dinâmica do recalçado e do quanto o seu retorno nos evoca a sensação do *Unheimliche*.

Contudo, como explicar a expectativa de Freud de que a psicanálise galsse o *status* de ciência natural? Para isso, nada melhor termos como

² Refere-se a um conceito criado por Freud em 1919, traduzido por estranho, sinistro, que está assentado no paradoxo do familiar que ao mesmo tempo é desconhecido. Poderíamos dizer que todo o retorno do recalçado traz consigo um quanto desse estranhamento. Compreendo que Freud, nesse artigo, está lançando as bases de uma estética psicanalítica, agregando ao belo o fator do horror. Remeto o leitor ao trabalho: Um Estrangeiro Iluminando a Escuridão (PAIM FILHO et al., 2009).

ponto de partida a estruturação do aparato psíquico – esse aparelho de captura e transformação da demanda pulsional, uma verdadeira máquina do tempo. Compreendo, de forma sucinta, a seguinte evolução: tem seus primórdios em 1891, no seu último trabalho voltado à neurologia – *Sobre as afasias*. Nesse artigo, encontramos o que pode ser chamado de *um aparelho de linguagem*. Em 1895, temos o célebre *Projeto de uma Psicologia Científica para Neurologos*, no qual foi construído um *aparelho neuronal*. Este será seguido, em 1896, pelo *aparelho de memória*, na famosa carta 52, em que encontramos as origens metapsicológicas das inscrições psíquicas relacionadas à noção de transcrição, retranscrição, rearranjos, assentadas numa tópica que remete a diferentes espaços psíquicos, criando uma temporalidade própria – *a posteriore (nachträglich)* –, quando o tempo passado, no seu pulsar interminável, pode ser transformado no tempo presente, uma memória, que terá no desejo o seu elo entre o ontem e o hoje submetido à força interdutora do recalçamento. Podemos inferir, de nossas leituras, que esses protótipos de aparelhos virão a ser, na medida em que adquirirem a condição de metáfora, o *aparelho psíquico* de 1900.

Portanto, conforme vai-se desconstruindo o Freud neurologista (ciência da natureza) e se construindo o Freud psicanalista (ciência do inconsciente), observa-se a criação de um novo paradigma de ciência no pensar freudiano. Evoco, como ilustração desse percurso, três momentos presentes no texto de Freud: *Interpretação dos Sonhos* (1900) – a pujança do representacional inscrito no inconsciente recalçado, sobre o qual vai se instaurar o mundo da fantasia; *Os Artigos Metapsicológicos* (1915) – ruptura com o corpo biológico, em prol do corpo simbólico, tendo na pulsão o conceito limite de sua ciência; e *Análise Terminável e Interminável* (1937) – repensar os limites e as possibilidades de uma ciência que tem como foco o inconsciente, que se revela e ao mesmo tempo se encobre num rol interminável de configurações, fazendo do processo analítico um eterno devir. Todos esses momentos vão ter ressonâncias significativas nesse texto derradeiro de 1937³, no qual Freud, de forma coerente com a sua proposta de ciência, alerta que os analistas, diante da complexidade do método psicanalítico e do seu arsenal teórico, possam saber que: “Sem

³ “Análise Terminável e Interminável” juntamente com “Construções em Análise” são os dois últimos trabalhos de Freud que versam sobre o método psicanalítico e sua interação metapsicológica. Cabe ressaltar que o adjetivo de derradeiros é decorrente de ser os últimos escritos de Freud em Viena, antes do exílio em Londres.

especulação e teorização metapsicológica – quase disse fantasiar –, não daremos outro passo à frente” (1937, p. 257).

Com a concepção de uma tópica estruturada, bipartida em inconsciente que nunca foi, consciente/inconsciente recalcado e pré-consciente/consciente, Freud criou e anunciou para o mundo uma forma inédita de conceber o sujeito psíquico, determinando a importância da escuta dos derivados do inconsciente – o que se presentificará, por excelência, na clínica, por meio da transferência. Com o livro inaugural, *A Interpretação dos Sonhos*, desprende-se a psicanálise do pensar neurológico, de forma definitiva, e avança na construção de um saber calcado no que irá nomear, no decorrer de sua obra, os seus *shibboleth*. Isso se consuma com seus avanços clínico-teóricos, principalmente a dualidade pulsional de morte *versus* vida, que culminará na segunda tópica, complexizando esse aparato no qual a psique será tripartida em Id–Eu–Supra-Eu. Não devemos esquecer que o inconsciente recalcado segue mantendo sua tópica como a parte diferenciada do Id, contendo o Eu Ideal.

Falando nos *shibboleth* e referendando o seu lugar delineador para a psicanálise e o ser psicanalista, vejamos se existe alguma possibilidade de diálogo criativo e interativo com as neurociências. A primeira menção de Freud à palavra hebraica *shibboleth*, que significa *palavra armadilha*, foi em 1914, quando da dissidência de Adler, que não compreendia o significado dos sonhos. Refere-se novamente aos sonhos como um *shibboleth* em 1933; a segunda referência, em 1919, deu-se em relação à Sociedade Psicanalítica de Zurique, que não estaria assimilando o lugar da sexualidade como fator estruturante do saber psicanalítico; a terceira, em 1920, quando ressalta a importância do complexo de Édipo; e completando a tetralogia, em 1923, nomeia o inconsciente como o primeiro *shibboleth* da psicanálise. É importante destacar que esses *shibboleth* estão ancorados e interligados pelo fator econômico, que é, ao mesmo tempo, fundante da metapsicologia freudiana, a saber, a *pulsão*.

Buscando levantar algumas indagações sobre o que a metapsicologia freudiana tem a ver com as neurociências, vou me utilizar – tentando circunscrever nosso tema – desse delimitador metapsicológico ou, ainda, do que Freud chamou, em 1932, de “a nossa mitologia”: “A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas, em sua imprecisão” (1933, p.119). Temos aqui um

modelo lapidar do lugar norteador do princípio da incerteza no teorizar em psicanálise, que, a meu ver, está na contramão do processo central do pensar científico, cuja meta essencial consiste no poder validar de forma precisa suas hipóteses.

Sendo esse o nosso foco, a pulsão na sua perpétua ambiguidade, recorde-mos como Freud a definiu, pela primeira vez, em 1911, no caso Schreber: “A pulsão é um conceito limite entre o somático e o psíquico” (1911, p. 99). Eis aí um conceito realmente enigmático, como Freud diz, *impreciso* e, por isso, *magnífico*. Como entendo que todo mito busca dar uma explicação para as origens e os destinos do homem, parece-me que nosso mito científico-psicanalítico está comprometido com as origens do sujeito do inconsciente, bem como com a origem basal da metapsicologia. Assim sendo, estamos diante de um conceito marcado pelo paradoxo: de um lado, remete ao corpo, pois nele está a sua fonte, mas não pertence ao corpo; de outro, faz uma exigência de trabalho para o psíquico e nele se faz representar por suas representações, não adentra a psique. Portanto, tem em sua essência a dupla não pertinência: nem ao registro do corpo, nem ao registro do psiquismo. Podemos afirmar que o conceito de pulsão seria o elemento mais característico de algo que é conhecido e, ao mesmo tempo, desconhecido. Esse pensar torna-se muito mais significativo e amplia a problemática pulsional quando Freud, em 1920, lança o constructo da pulsão de morte, o não representável, chamada, a partir de 1930, de a pulsão por excelência.

Especular sobre a pulsão de morte é ousar adentrar no labirinto do minotauro, ainda mais quando pretendo fazer uma relação com as neurociências. Contudo, parece-me que não tenho como me poupar desse confronto, principalmente quando sinto as ressonâncias das palavras de Freud, enunciadas em 1932, na conferência XXXIII, Ansiedade e vida pulsional: “Em nosso trabalho, não podemos desprezá-las, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de as estarmos vendo claramente” (1933, p.119). Portanto, de forma condensada, podemos dizer que a teoria freudiana vai se constituir nas vicissitudes pulsionais. Diante dessa constatação, o primeiro *shibboleth* da psicanálise – o inconsciente – será criado, na medida em que houver o encontro da demanda pulsional do sujeito com o objeto, que terá o seu momento de constituição fundante no acontecer do recalçamento originário, seguido pelo

recalcamento secundário, responsável pela estruturação final do inconsciente recalcado, tendo, ainda, no retorno do recalcado, o elemento estabilizante da economia psíquica. Desse modo, pensar o sujeito psíquico freudiano é pensar na dinâmica do inconsciente, com suas marcas anímicas fazendo-se acontecer na interação do inconsciente recalcado (representável) e do inconsciente não recalcado (irrepresentável).

Após esse rápido recorte dos *shibboleth* da psicanálise, os observamos marcados pela subjetividade criada na intersubjetividade, pela imprecisão, por uma realidade psíquica inscrita de forma muito particular, pois não é reprodução do vivido pelo sujeito, mas, sim, do que foi percebido pelo sujeito a partir do seu mundo representacional. Assim sendo, nossa *ciência Unheimliche*, a ciência do inconsciente, está destinada, desde suas origens, a denunciar o descompasso entre o passível de ser apreendido, conhecido, e o não passível de apreensão, o desconhecido, do qual a pulsão de morte é a melhor forma de apresentação – principalmente quando temos em mente que o pensar de Freud está estruturado entre dois grandes postulados: a psicosexualidade e a morte, que fazem da sua ciência um mais além do pensar neurocientífico. Ciência que tem uma proposta técnica centrada na escuta do inconsciente, que busca encontrar na relação analítica não a história dos acontecimentos, mas, sim, a história dos acontecimentos retranscritos psiquicamente, imantados pela complexidade do *a posteriore* (*nachträglichkeit*), em um aparato psíquico que está estritamente ligado ao corpo e, ao mesmo tempo, é uma construção metafórica associada à ideia de meio pelo qual algo é veiculado. Tal aparato, em sua via progressiva, visa ligar a representação de coisa à representação de palavra, para que possa advir a representação de objeto e, nesse processo, dar asas ao pensar, fazendo da linguagem verbal, mesmo com todos os seus enigmas, a forma de comunicação por excelência do *homo sapiens*. Nesse sentido, lembro Borges, que diz: “Se pegarmos qualquer dicionário etimológico e se procurarmos uma palavra qualquer, na certa encontraremos uma metáfora enfurnada em alguma parte” (2000, p. 31).

Com isso posto, fazem-se pulsantes algumas perguntas para a neurociência: esse escopo metapsicológico freudiano é compatível com algum instrumento que busque validar ou estruturar graus de certezas que são objetos de desejo das neurociências?, a psicanálise precisa ser válida por essa outra área do saber?, precisamos, em nome de quem ou

do quê, encontrar fundamentos biológicos para as proposições psicanalíticas?, não seria mais enriquecedor para a cultura vigente que a psicanálise mantivesse um diálogo com as mais variadas áreas do saber e, nesse processo, reafirmasse sua tradição de destruidora de ilusões, uma vez que tem como eixo pensante a importância da singularidade discursivo-afetiva, que produz o permanente indagar-se sobre esse estrangeiro que nos constitui como sujeito, chamado inconsciente?, nesse sentido, não estaria a psicanálise oferecendo, de forma investigativa, uma ferramenta de vital importância para o pensar das neurociências?

Finalizando, não é assustador, ou melhor, lamentável, que um sujeito da importância de Kandel, ganhador do prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia no ano de 2000, que aparentemente é um grande conhecedor de Freud, veja nas neurociências cognitivas o caminho para revigoramento da psicanálise? E que seu futuro dependa de um enquadramento biológico? Além de, por último, associar a psicanálise à medicina, como se essa fosse uma especialidade médica?

Talvez esses dados nos sirvam para entender por que Freud, em 1926, escreveu o artigo sobre *A questão da análise leiga*, em que diz textualmente que a psicanálise não é uma especialidade médica. Possivelmente, posturas como essas tenham sido determinantes para que ele não tenha sido contemplado com a distinção científica do prêmio Nobel, mas, sim, com o prêmio Goethe, reafirmando que a psicanálise tem mais a ver com a literatura e a filosofia do que com a ciência do século XX e/ou do século XXI.

Parece-me que esses novos tempos vêm confrontando e questionando os analistas quanto à crença em seu método e do quanto seu arcabouço teórico lhes dá sustentação para seguir o trabalho com o inominável, que a força da pulsão de morte denuncia. Penso, nesses momentos, na relação entre o pensamento freudiano e a ideia aristotélica, que defendia que a atividade básica do homem se divide em três eixos: a teoria, a práxis e a *póiesis*. Compreendo que a psicanálise comporta esses três eixos, tendo na *póiesis* o elemento agregador dos demais, que fazem dela uma ciência descomprometida com critérios de validação científica, aos moldes propostos pela ciência que a neuropsicanálise representa. A transitoriedade do estabelecido, que o fazer clínico revela, incita o analista a rever continuamente suas ferramentas técnicas e teóricas, que, devido a essa

particularidade, promulga uma vitalidade que repercute na criação de novos instrumentos para acessar o aparelho psíquico, como seu mundo inconsciente, com seu estado desejanste, rico em potencialidade de inventar transformações. Assim sendo, a validade de nosso método está assentada em sua não validação, ou melhor, em uma validação construída na inter-relação de analista-analisando, no decorrer do processo analítico, tendo na escuta flutuante o seu melhor sinalizador. Nesse sentido, ratificamos a importância da *póiesis* na psicanálise – compreendida como fazer algo que não foi feito, o que não foi ainda produzido, em síntese, é a afirmação da criatividade e da criação. Portanto, fazer, pensar, trabalhar e produzir analiticamente é sustentar o encontro com o inesperado, na sua eterna vinculação com o imponderável, com o desamparo fundante do filho do homem.

À guisa de nós, psicanalistas, continuarmos refletindo nesses tempos de *Weltanschauung* neurológica, deixo assinaladas as seguintes palavras de Freud, proferidas no seu último livro, que ficou inacabado, em 1938:

Pode ser que existam outras possibilidades ainda não imaginadas de terapia. De momento, porém, nada temos de melhor à nossa disposição do que a técnica da psicanálise, e, por essa razão, apesar de suas limitações, ela não deve ser menosprezada (FREUD, 1940, p. 210).

Psychoanalysis as an Unheimliche Science: beyond the neurosciences

Abstract: The present paper has as its goal to reflect about the relation between psychoanalysis and neuropsychanalysis. In order to achieve such objective, the author will use as a starting point the thoughts of the neuroscientist Eric Kandel on this topic. Through its speculations, the author visits two aspects: on one hand, questions the neurosciences, thinking about the importance of Freud's main statement, that is, the unconscious; and, on the other hand, argues how it is essential for the psychoanalyst to nurture a commitment in keeping the singularity of his science, established by the principle of uncertainty, a knowing and an unknowing that comes from the ramifications and derivatives of the drive inscriptions on the unconscious, that both reveals and covers it.

Keywords: Drive. Neuropsychanalysis. Science.

Psicoanálisis una Ciencia Unheimliche: más allá de las neurociencias

Resumen: El presente documento tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre psicoanálisis y neuropsicoanálisis. Con el fin de alcanzar tal objetivo, el autor utiliza como punto de partida las reflexiones de lo neurocientífico Eric Kandel sobre este asunto. A través de sus especulaciones, el autor visita dos aspectos: por un lado, crea preguntas sobre las neurociencias, reflexionando sobre la importancia de la principal declaración de Freud, es decir, el inconsciente; y por otro lado, argumenta que es fundamental para el psicoanalista nutrir un compromiso en el mantenimiento de la singularidad de su ciencia, establecida por el principio de incertidumbre, un saber y un desconocimiento que viene de las ramificaciones y de los derivados de las inscripciones del instinto en el inconsciente, que lo revela y lo cubre.

Palabras clave: Ciencia. Neuropsicoanálisis. Pulsión.

Referências

- BORGES, J. L. A Metáfora. In: _____. **Esse Ofício do Verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FREUD, S. (1911). Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 11.
- _____. (1917). Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 17.
- _____. (1919). O Estranho. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 17.
- _____. (1926). A Questão da Análise Leiga. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.20.
- _____. (1933). Ansiedade e Vida Instintual. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 22.
- _____. (1940). Esboço de Psicanálise. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 23.
- KANDEL, E. R. A Biologia e o Futuro da Psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. 1, 2003.

PAIM FILHO, I. A. et al. **Unheimliche**: um estrangeiro iluminando a escuridão. Trabalho apresentado à reunião científica do CEP de PA, agosto de 2009.

ROUANET, S. P. As Duas Culturas da Psicanálise. In: FRANÇA, M. O. A. F. (org.). **Freud, a Cultura Judaica e a Modernidade**. São Paulo: Senac, 2003.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Ignácio Alves Paim Filho
Rua Felipe Néri, 457/401
90440-150 Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3321-3825
e-mail: paimiga@terra.com.br